

Índice

Introdução, de Ann Patchett	7
Prefácio para a Edição Ucrâniana de <i>Animal Farm</i>	19
<i>A Quinta dos Animais</i>	27
Posfácio: A Liberdade de Imprensa	131

A Quinta dos Animais

Capítulo I

O Sr. Jones, da Quinta do Solar, havia trancado os galinheiros para a noite, mas estava tão bêbado que se esqueceu de fechar também os postigos. Com o círculo de luz da lanterna a dançar dum lado para o outro, atravessou o pátio a cambalear, descalçou as botas diante da porta das traseiras, tirou uma última cerveja do barril na copa e subiu para o quarto de dormir, onde a Sra. Jones já ressonava.

Assim que a luz do quarto se apagou, um forte rebuliço espalhou-se por todas as dependências da quinta. Durante o dia circulara a notícia de que o velho Major, o premiado varrão de raça Middle White, havia tido um estranho sonho na noite anterior e desejava comunicá-lo aos outros animais. Foi combinado que se reuniriam no celeiro grande assim que o Sr. Jones estivesse a dormir. O velho Major (tal como lhe chamavam, embora na exposição tivesse figurado sob o nome de Beleza de Willingdon) era tido em tão alta conta na quinta que todos estavam dispostos a perder uma hora de sono para ouvirem o que ele tinha a dizer.

Num dos extremos do celeiro grande, numa espécie de plataforma, Major estava já aninhado na sua cama de palha, sob a lanterna que pendia duma viga. Tinha doze anos de idade e nos últimos tempos engordara bastante, mas continuava a ser um porco de aspecto majestoso, com um ar sábio e benevolente,

apesar de os seus colmilhos nunca terem sido serrados. Daí a pouco, os outros animais começaram a chegar e a instalar-se confortavelmente, cada um a seu modo. Os primeiros a entrar foram os três cães, Bluebell, Jessie e Pincher, e depois os porcos, que se acomodaram na palha mesmo em frente ao estrado. As galinhas empoleiraram-se nos peitoris das janelas, os pombos esvoaçaram para as traves do telhado, as ovelhas e as vacas anicharam-se atrás dos porcos e desataram a ruminar. Os dois cavalos de tiro, Boxer e Clover, entraram juntos, muito devagar, pousando os seus grandes e peludos cascos com extremo cuidado, não fosse estar algum animalzito escondido entre a palha. Clover era uma égua robusta e maternal, quase de meia-idade, que após o nascimento do seu quarto potro nunca mais recuperara plenamente a sua figura. Boxer era um animal enorme, com quase dezoito palmos de altura e o dobro da força de um cavalo comum. A risca branca que lhe descia pelo focinho dava-lhe um ar meio estúpido, e de facto Boxer não era o bicho mais esperto do mundo, mas era universalmente respeitado pela sua firmeza de carácter e a sua tremenda capacidade de trabalho. Depois dos cavalos entrou Muriel, a cabra branca, e o burro Benjamin. Benjamin era o animal mais velho da quinta, e o mais mal-humorado. Raramente falava, e quando o fazia era normalmente para proferir alguma observação cínica, dizendo, por exemplo, que Deus lhe dera uma cauda para enxotar as moscas, mas que ele preferia não ter cauda nem moscas para enxotar. Era o único dos animais da quinta que nunca se ria. Se lhe perguntassem porquê, responderia que nunca encontrara nada de que se rir. Contudo, e embora não o admitisse abertamente, era muito chegado a Boxer; costumavam passar os domingos juntos, no pequeno cercado por trás do pomar, a pastar lado a lado, sempre em silêncio.

Os dois cavalos tinham acabado de se deitar quando uma ninhada de patinhos que haviam perdido a mãe entrou no celeiro, grasnando debilmente e vagueando dum lado para o outro até encontrarem um local onde ninguém os pisasse. Com a

pata dianteira, Clover formou uma espécie de barreira à volta deles, e os patinhos aninharam-se contra ela, adormecendo de seguida. No último instante, Mollie, a tonta e bonita égua branca que puxava a carroça do Sr. Jones, entrou com o seu passo elegante e afectado, a mastigar um torrão de açúcar. Tomou um lugar à frente, ao mesmo tempo que sacudia a sua crina branca, procurando chamar a atenção para a fita vermelha com que estava entrançada. Em último lugar chegou a gata, que olhou à sua volta, como de costume, em busca do sítio mais quente, e por fim se encaixou entre Boxer e Clover, ficando a ronronar satisfeita durante todo o discurso do Major, sem ouvir uma palavra do que ele dizia.

Todos os animais estavam agora presentes excepto Moses, o corvo domesticado, que dormia num poleiro atrás da porta das traseiras. Quando viu que todos estavam confortavelmente instalados e aguardavam atentamente as suas palavras, o Major pigarreou e disse:

“Camaradas, já ouviram falar do estranho sonho que tive ontem à noite. Mas já lá vamos. Antes disso, tenho outra coisa para dizer. Não creio, camaradas, que vá ficar convosco muitos mais meses, e, antes de morrer, sinto que é meu dever transmitir-vos aquilo que aprendi. Tive uma vida longa, com muito tempo para pensar, ali sozinho no meu pesebre, e julgo poder dizer que compreendo tão bem a natureza da existência como qualquer outro animal vivo. É sobre isto que vos quero falar.

“Ora bem, camaradas, qual é a natureza desta nossa existência? Encaremos os factos: a nossa vida é curta, miserável e cheia de trabalhos. Nascemos, recebemos apenas o alimento suficiente para nos mantermos vivos, e aqueles de nós que são capazes disso vêm-se obrigados a trabalhar até ao limite das suas forças; e quando deixamos de ser úteis somos chacinados numa forma horrível cruel. Nenhum animal em Inglaterra sabe o que significa a felicidade, ou o ócio, passado o primeiro ano de vida. Nenhum animal em Inglaterra é livre. A pura verdade é que a vida de um animal é feita de escravidão e penúria.

“Mas fará isto parte da ordem natural, simplesmente? Será este nosso país tão pobre que não pode conceder uma vida decente a todos os que nele vivem? Não, camaradas, mil vezes não! O solo da Inglaterra é fértil, o clima é bom, e o país conseguiria produzir comida em abundância para um número de animais muito superior ao que nele habita actualmente. Só esta quinta tem capacidade para alimentar uma dúzia de cavalos, vinte vacas, centenas de ovelhas — e todos eles poderiam viver com um conforto e uma dignidade que actualmente é quase inimaginável para nós. Então porque é que continuamos a viver nestas condições miseráveis? Porque os seres humanos nos roubam quase todo o produto do nosso trabalho. É aí, camaradas, que reside a resposta a todos os nossos problemas. Resposta essa que pode ser resumida numa única palavra — o homem. É ele o único verdadeiro inimigo que temos. Eliminando do cenário o ser humano, eliminaríamos para sempre a causa principal da fome e de todas as nossas canseiras.

O homem é a única criatura que consome sem produzir nada. Não dá leite, não põe ovos, é demasiado fraco para puxar uma charrua, não consegue correr suficientemente rápido para caçar coelhos. Contudo, é ele o senhor de todos os animais. Põe-nos a trabalhar para ele, dando-lhes apenas o alimento para não morrerem de fome, e o resto guarda para si. O nosso trabalho lava a terra, o nosso estrume fertiliza-a, e no entanto nenhum de nós possui mais do que a pele. Vocês, vacas, aí à frente, quantos almudes de leite deram este ano? E o que aconteceu a esse leite, que devia ter servido para alimentar bezerros robustos? Foi-se todo pelas goelas dos nossos inimigos. E vocês, galinhas, quantas dúzias de ovos puseram no último ano, e quantos pintainhos nasceram desses ovos? O resto foi tudo para o mercado, convertido em dinheiro para o Jones e os homens dele. E tu, Clover, onde estão os quatro potros que geraste, e que deviam ser a alegria e o amparo da tua velhice? Foram vendidos com um ano de idade — e nunca mais os tornarás a

ver. E em troca dessas quatro crias, e de todo o teu trabalho no campo, o que é que recebeste além duma ração miserável e dum pesebre?

“E nem sequer nos deixam viver até ao seu fim natural esta vida miserável que levamos. Pessoalmente, não me posso queixar, pois sou um dos felizardos. Cheguei aos doze anos de idade e tive mais de quatrocentos filhos. É o tempo de vida normal de um porco. Mas no final nenhum bicho escapa ao cruel facalhão. Vocês, jovens porcos aí sentados à minha frente, daqui a um ano vão todos guinchar de terror no cepo. A esse horror nenhum de nós tem maneira de escapar — porcos, vacas, galinhas, ovelhas, todos. Nem sequer os cães e os cavalos têm melhor sorte. Tu, Boxer, no dia em que os teus pujantes músculos perderem a força, vais ser vendido pelo Jones ao magarefe, que te vai degolar e cozer a tua carne para alimentar cães de caça. Quanto aos cães, quando ficarem velhos e desdentados, o Jones amarra-lhes um tijolo ao pescoço e afoga-os no lago mais próximo.

“Então, camaradas, não é claro como água que todos os nossos males derivam da tirania dos seres humanos? Basta que nos livremos do homem para que o produto do nosso trabalho nos pertença. Quase do dia para a noite, poderíamos tornar-nos todos ricos e livres. Então, o que temos de fazer? Pois bem, temos de trabalhar dia e noite, de corpo e alma, para derrubar o governo da raça humana! É esta a minha mensagem para vocês, camaradas: Rebelião! Não sei quando virá essa Rebelião, pode ser daqui a uma semana ou daqui a cem anos, mas sei, com a mesma certeza com que vejo esta palha aos meus pés, que mais tarde ou mais cedo será feita justiça. Fixem os olhos nesse objectivo, camaradas, durante o resto das vossas curtas vidas! E, acima de tudo, passem aos vindouros esta minha mensagem, para que as futuras gerações prossigam com a luta até à vitória.

“E lembrem-se, camaradas, que a vossa determinação nunca pode falhar. Que nenhum argumento vos desvie do vosso ru-

mo. Não prestem ouvidos a quem vos disser que o homem e os animais têm um interesse comum, que a prosperidade de um é a prosperidade dos outros. É tudo mentira. O homem não defende os interesses de mais nenhuma criatura senão dele próprio. E que entre nós, animais, haja uma união perfeita, uma perfeita camaradagem na luta. Todos os homens são nossos inimigos. Todos os animais são nossos camaradas.”

Nesse momento levantou-se uma tremenda desordem. Enquanto o velho Major falava, quatro grandes ratos tinham saído dos seus buracos e estavam a ouvi-lo, sentados sobre as patas traseiras. Os cães avistaram-nos de repente, e os ratos tiveram de se meter à pressa nos buracos para salvar a vida. Major levantou a pata para pedir silêncio.

“Camaradas”, disse ele, “eis aqui um ponto que tem de ser esclarecido. Os animais selvagens, como os ratos ou os coelhos, são nossos amigos ou inimigos? Proponho à assembleia esta votação: os ratos são nossos camaradas?”

A votação foi realizada de imediato, e a opinião da esmagadora maioria foi que os ratos eram seus camaradas. Só quatro animais votaram contra, os três cães e a gata, que mais tarde se descobriu ter votado duas vezes, contra e a favor. O velho Major prosseguiu:

“Não tenho muito mais a dizer. Limito-me a repetir, nunca se esqueçam de que é vosso dever hostilizar o homem e os seus costumes. Quem caminha em duas patas é inimigo, quem caminha em quatro patas, ou tem asas, é amigo. E lembrem-se de que na luta contra o homem não podemos tornar-nos iguais a ele. Mesmo depois de o vencerem, não adotem os vícios dele. Nenhum animal deve jamais viver numa casa, nem dormir numa cama, usar roupas, beber álcool, fumar tabaco, tocar em dinheiro ou comerciar. Todos os hábitos do homem são maus. E, acima de tudo, nenhum animal deve jamais tyranizar os seus camaradas. Fortes ou fracos, espertos ou simples, todos somos irmãos. Nenhum animal deve matar outro. Todos os animais são iguais.

“E agora, camaradas, vou falar-vos do meu sonho de ontem à noite. Não vo-lo posso descrever. Foi um sonho sobre como será o mundo depois de o homem ter desaparecido. Mas trouxe-me à memória uma coisa que eu já tinha esquecido há muito. Há muitos anos, era eu ainda um jovem bácoro, a minha mãe e as outras porcas costumavam cantar uma cantiga da qual só conheciam a melodia e as três primeiras palavras. Eu ouvia essa cantiga na minha infância, mas tinha-se-me varrido por completo da memória. Mas ontem à noite recordei-a durante o sonho. Melhor ainda, recordei também a letra da cantiga — palavras que eram, tenho a certeza, cantadas pelos animais do passado remoto, e que durante gerações haviam sido esquecidas. Vou agora cantar-vos essa cantiga, camaradas. Sou velho e tenho a voz rouca, mas, depois de a aprenderem, vocês poderão cantá-la muito melhor. Chama-se ‘Animais da Inglaterra’.”

O velho Major pigarreou e começou a cantar. Como ele próprio advertira, tinha uma voz rouca, mas cantava razoavelmente, e a cantiga era mexida, qualquer coisa a meio caminho entre “Clementine” e “La Cucaracha”. A sua letra dizia o seguinte:

Animais da Inglaterra, da Irlanda,
De todos os climas, amenos ou duros,
Ouçam a minha alegre propaganda
Sobre a delícia dos tempos futuros.

Uma nova era cedo ou tarde chegará
Em que a tirania humana será derribada,
E a fértil extensão da nossa terra
Só por justos animais será pisada.

Do nosso focinho cairá o arganel
E do nosso dorso aprestos e arreios,
Nunca mais o chicote estalará cruel,
E a ferrugem roerá esporas e freios.

Toda a riqueza que se pode imaginar,
O trigo e a cevada, o feno e a aveia,
O trevo, a beterraba, o feijão-de-trepar,
Teremos em fartura, ao almoço e à ceia.

O Sol brilhará por todo o lado.
As águas claridade ganharão,
E todo o ar irá cheirar a prado
No glorioso dia da libertação.

Pela liberdade havemos todos de lutar:
A vaca e o peru, o ganso e o cavalo;
Por ela havemos de lutar e porfiar,
Ainda que morramos a tentá-lo.

Animais da Inglaterra, da Irlanda,
De todos os climas, amenos ou duros,
Ouçam e divulguem a minha propaganda
Sobre a delícia dos tempos futuros.

A canção deixou os animais na mais frenética excitação. E, ainda antes de Major chegar ao fim, já todos a entoavam em coro. Até os mais estúpidos haviam apanhado a melodia e algumas das palavras; e quanto aos mais inteligentes, como os porcos e os cães, em poucos minutos já a sabiam toda de cor. Depois, após alguns ensaios, todos começaram a cantar em coro “Animais da Inglaterra”, num tremendo uníssonos. As vacas mugiam-na, os cães ganiam-na, as ovelhas baliavam-na, os cavalos rinchavam-na, os patos grasnavam-na. Estavam tão encantados com a cantiga que a entoaram cinco vezes seguidas, e talvez tivessem continuado toda a noite se não tivessem sido interrompidos.

Infelizmente, o barulho acordou o Sr. Jones, que saltou da cama convencido de que andava uma raposa no pátio. Agarrou na espingarda que tinha sempre a um canto do quarto e

disparou uma chumbada para a escuridão. O chumbo foi-se cravar na parede do celeiro e a reunião dissolveu-se abruptamente. Cada um fugiu para a sua cama. As aves saltaram para os seus poleiros, os animais anicharam-se na palha, e daí a pouco toda a quinta dormia.